

IDENTIDADES SOB RISCO OU RISCO COMO IDENTIDADE? A SAÚDE DOS JOVENS E A VIDA CONTEMPORÂNEA¹.

IDENTITIES UNDER RISK OR RISK AS IDENTITY? YOUTH'S HEALTH AND THE CONTEMPORARY LIFE.

¿IDENTIDADES BAJO RIESGO O RIESGO COMO IDENTIDAD? LA SALUD DE LOS JÓVENES Y LA VIDA CONTEMPORÁNEA.

Luis David Castiel²

Resumo:

Trata-se de um ensaio que discute a questão da identidade dos jovens brasileiros em relação aos riscos na nossa cultura contemporânea. São abordadas brevemente dimensões conceituais que envolvem as categorias 'saúde', 'contemporaneidade', 'identidade', 'juventude'. Alguns aspectos estatísticos de morbidade e mortalidade são apresentados para gerar um enquadramento sintético da respectiva situação epidemiológica em nosso contexto. É proposta uma análise sob o ponto de vista sociológico a respeito da construção de identidades fluidas em uma sociedade marcada por precariedades e excessos de várias ordens. Por fim, se sugere como o vínculo entre risco e ambivalência em formas diferentes oferecidas pela cultura configura as respectivas atitudes de exposição (aventura) e de evitação (prevenção).

Palavras-chave: risco, identidade, juventude, ciências sociais em saúde.

Abstract:

This is an essay on the issue of the identity of the Brazilian youth related to risks in our contemporary culture. There is a brief approach towards conceptual dimensions connected to categories such as 'health', 'contemporaneity', 'identity', 'youth'. Some statistical aspects related to morbidity and mortality are presented in order to generate a synthetic framework of the epidemiological situation in our context. An analysis is proposed, from a sociological point of view, concerning the construction of fluid identities in a society characterized by precariousness and excess in many levels. At last, it is suggested how the link between risk and ambivalence in many ways frame respective attitudes of exposure (adventure) and avoidance (prevention).

Keywords: risk, identity, youth, social sciences in health.

Resumen:

Este es un ensayo acerca de la cuestión de la identidad de los jóvenes brasileños en nuestra cultura contemporánea. Son planteadas con brevedad dimensiones conceptuales

¹ Agradecimentos a Márcia Aparecida Zucchi pela cuidadosa revisão do texto.

² Pesquisador do Departamento de Epidemiologia da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro- E-mail: luis.castiel@ensp.fiocruz.br

vinculadas a categorías como 'salud', 'contemporaneidad', 'identidad', 'juventud'. Algunos aspectos estadísticos relativos a morbilidad y mortalidad son presentados con el objetivo de generar un marco sintético acerca de la situación epidemiológica en nuestro contexto. Se propone un análisis basado en ideas sociológicas acerca de la construcción de identidades fluidas en una sociedad enmarcada por precariedades y excesos en muchos niveles y varios tipos. Finalmente, se trae la sugerencia acerca de cómo el vínculo entre riesgo y ambivalencia de muchas maneras enmarcan las respectivas actitudes de exposición (aventura) y de evitación (prevención).

Palabras-clave: riesgo, identidad, juventud, ciências sociales en salud.

1 As dificuldades do tema

Alta mortalidade por causas externas. Gravidez precoce. Distúrbios alimentares. Condições adictivas e dependências diversas. Transtornos psicológicos de variados tipos que desafiam as classificações de doenças. Esta costuma ser, entre outras possíveis, a impressão esquemática de como se manifesta o panorama de saúde dos jovens em países como o Brasil.

Antes de aprofundar questões marcantes nas relações entre saúde e a vida contemporânea juvenil brasileira, devemos assumir limitações do alcance de nossa perspectiva e, também, dos enfoques enfatizados, diante da multiplicidade de caminhos a percorrer. Os caminhos acadêmicos podem ser diversos e, às vezes, discordantes, assim como suas teorias e técnicas de pesquisa.

Estes comentários iniciais podem parecer desculpas precipitadas a eventuais críticas e reações de má-vontade dos leitores. Talvez até sejam. Mas, também, servem para destacar a complexidade da proposta. É inegável que discutir temas como saúde, contemporaneidade e adolescência não significa navegar em águas tranquilas e cristalinas.

Ao contrário, por mais óbvio que seja falar disto e mencionar cuidados conceituais e precauções no desenrolar das idéias. Acontece que aquilo que é óbvio deve ser explicitado, para evitar mal-entendidos que costumam acontecer em época de leituras demasiadamente dinâmicas e de conclusões arriscadamente rápidas. É preciso esclarecer que estudar a contemporaneidade e suas manifestações sob quaisquer pontos de vista implica em levar em conta insuficiências de nossos instrumentos de leitura diante da aceleração vertiginosa que marca a nossa época e, das nebulosidades e instabilidades nos caminhos a percorrer.

que seria 'adolescência', não são precisos e, sobretudo não podem deixar de considerar o contexto sociocultural, histórico, político e econômico em que estão situados.

De qualquer forma, é necessário prosseguir em busca dos melhores entendimentos possíveis que enfrentem as complexas questões postas pela vida contemporânea, especialmente no que se refere à saúde dos jovens em suas relações com esta época. Poucos devem discordar diante das afirmações de que estes tempos são especialmente cheios de excessos, de confusões, de aspectos duvidosos e, também, instáveis. Então, se podemos concordar com esta descrição, os próprios jovens também são obrigados a lidar com esta grande quantidade de elementos que invadem a todos nós, sem respeitar limites e tendo conseqüências especiais em relação às questões de formação da chamada 'identidade' – no sentido de descrição do EU, da autoidentidade. Ou, dito de outra forma, da idéia construída pela pessoa a respeito de si-mesma em sua própria existência. Como se houvesse uma busca sem parar de alguma estabilidade e continuidade nas próprias narrativas relativas ao que seria a biografia de cada um, de modo a permitir trocas com as outras pessoas (Giddens, 1991).

Dando continuidade à nossa proposta, vamos abordar de modo breve o uso de abordagens estatísticas populacionais relativas a alguns aspectos da situação de saúde juvenil, depois, discutiremos a complicada construção e manutenção de identidades fluidas na constituição das mentalidades na época atual. Em seguida destacaremos o papel do risco como item essencial na construção do ambivalente modo de vida atual – ao mesmo tempo incentivando comportamentos arriscados, aventureiros e, também, estimulando condutas cautelosas, prevenidas.

2 Uso de estatísticas no estudo da saúde juvenil

Um jeito de trazer alguma segurança à nossa travessia é, primeiramente, empregar estudos estatísticos para tentar diagnosticar o panorama de saúde dos jovens brasileiros. Uma revisão bastante limitada da informação epidemiológica disponibilizada na rede revela (apesar dos dados não se mostrarem recentes, não há indícios que mostrem alterações importantes nas tendências observadas na atualidade) que, como em outras faixas etárias, os dados relativos a adoecimentos são mais difíceis de serem obtidos que os de mortalidade.

Neste sentido, a mortalidade por causas externas é o grande fator indiscutível de óbito neste grupo. Em geral, reconhece-se que tal mortalidade apresenta uma tendência socioeconomicamente definida: são os grupos de jovens menos privilegiados que, via de regra por falta de oportunidades no contexto educacional e laboral, acabam envolvidos por esquemas de criminalidade de alto risco de vida.

Além disto, é neste mesmo grupo que mais ocorrem diversos outros riscos, como o de gravidez inesperada, aborto sob condições precárias e doenças sexualmente transmissíveis. Há dados que sinalizam que a gravidez na faixa 15-19 anos aumentou 15% desde 1980³.

O aumento da gravidez na adolescência verificado na década de 90 não está limitado aos grupos com menor acesso à educação formal. Há estudos que mostram que no Rio e em São Paulo, houve aumento em quase todos os segmentos sociais e, em São Paulo, houve proporcionalmente uma elevação ligeiramente superior em grupos mais favorecidos que aquela encontrada em grupos mais desfavorecidos. O IBGE apontou que a taxa de filhos nascidos vivos por mulher de 15 a 19 anos em relação a 2000 teve um aumento de 48%⁴.

Na esfera dos adoecimentos, os dados costumam ser mais difíceis de serem obtidos e caso o sejam, não se mostram tão abrangentes como seria desejável. Podem, inclusive, refletir informações distorcidas em relação a grupos socioeconomicamente mais favorecidos e com maiores chances de aparecerem nas estatísticas produzidas. Mas, não parece incorreto indicar a ocorrência elevada em jovens de estados adictivos e dependências de várias ordens, desordens alimentares e outros transtornos psicológicos. De qualquer forma, não é nosso propósito aprofundar tais aspectos, mas, sim, tentar situá-los sob um enquadramento sociocultural.

Para ilustrar uma questão importante, há uma investigação que resultou na tese de doutorado de Daniel Carreira-Filho (2004) defendida na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp em 2004 que estudou alunos de 14 a 18 anos de escolas públicas e particulares de São Caetano do Sul, São Paulo acerca do uso de práticas e substâncias para alterar aspectos corporais.

³ Site consultado http://www.aborto.com.br/gravidez_adolescencia Acesso em 17 dez 2005.

⁴ Site consultado <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/noticias/gd270904a.htm> Acesso em 17 dez 2005.

Ainda que os dados digam respeito a adolescentes que vão à escola e que se prontificaram a responder ao questionário e, ainda, sem saber-se a confiabilidade e fidedignidade das respostas (o que pode não refletir exatamente a realidade), os resultados evidenciam tendências representativas: 60% (76% mulheres e 44% homens) disseram que se dedicam a modelagens corporais com vistas ao emagrecimento. Destes, tanto entre os que ingerem medicamentos (80%), como os que usam outras práticas modeladoras (cirurgias, toxina botulínica etc) (94%), ou seja, a grande maioria, afirmou desconhecer os riscos vinculados tanto ao uso da medicação quanto às outras práticas (Alves-Filho, 2004).

Estes dados sugerem como a construção de identidades envolve aspectos complexos e simultâneos:

- 1) ocorre em meio a múltiplos e variados riscos;
- 2) implica a incorporação subjetiva da idéia-chave do risco, consagrada na vida contemporânea, como central nas decisões relativas à vida em geral e à saúde em particular;
- 3) questiona a noção de identidade estável, tal como era constituída há poucas décadas atrás, em termos de significados e de símbolos sociais e culturais que antigamente as sustentavam;
- 4) passa a ser uma tarefa infundável e arriscada que se desloca para os corpos que, por sua vez, passam a servir como sede de busca e apreensão de significados, ainda que fugidios.

3 Crise de identidade em tempos de identidades fluidas?

Vivemos tempos de tecnicismo, individualismo e consumismo – e estes aspectos, como muitos sabem, atingem especialmente à juventude, mas, também afetam a todos, independentemente de faixa etária ou outra estratificação que se empregue. Um item preocupante embutido em meio aos vários processos simultâneos do que se convencionou designar ‘modernidade tardia’ (ou, tomando a liberdade de chamar, diante do contexto brasileiro, inspirado no lema inconfidente: ‘modernidade ainda que tardia’) diz respeito aos sentimentos de desenraizamento que se manifestam com as grandes transformações sociais e econômicas ocorridas nas últimas décadas.

Lidamos cada vez mais com a instabilidade nas matrizes e influências culturais simbólicas relacionadas às idéias de espaço e de tempo que participam da formação e manutenção de nossas identidades - especialmente aquelas ligadas ao pertencimento baseado em rituais e costumes locais com características definidas de lugar e de tempo, tal como acontecia nas sociedades rurais, com suas festas relacionadas à colheita, por exemplo. O atual embaralhamento e redução das percepções das pessoas em relação à familiaridade com seu local de viver e com a duração do tempo para realizar suas atividades aumenta os antagonismos e a competição. Se isto pode libertar um determinado grupo de privilegiados das limitações territoriais, enfraquece atividades e práticas que geravam significados coletivos de pertencer a comunidades estáveis e mantém restritos ou marginalizados grupos desfavorecidos que perdem seus significados e a capacidade de estruturarem suas identidades de modo mais sólido (Bauman, 1999).

Sob este ponto de vista, as fórmulas criadas pelos sistemas modernos de geração de ordem e os formatos existentes de tranquilização de ansiedades humanas não se mostram eficazes diante dos excessos produzidos pela atual sociedade de consumidores, movidos pelas incessantes tentações localizadas nas inesgotáveis fontes de opções e ofertas de mercadorias, bens e serviços. Diante desta atmosfera de sedução intensa e constante, se desorganizaram as normas que estimulavam o comedimento e o entendimento compartilhado quanto aos limites. O excesso e a debilidade dos limites passa a ser o padrão de referência. Estreita-se muito o espaço de convivência gerado pelas restrições compartilhadas. Vive-se grande parte do tempo em meio a uma irritabilidade individualista competitiva misturada a sensações de maior ou menor incerteza ou, nos casos mais intensos, de muita insegurança e angústia, conforme os contextos em que se está presente.

O excesso, antes encarado como descontrole, que conduzia ao desperdício e devia ser evitado, agora, é desejado como 'norma', significando a ampliação quase ilimitada de possibilidades, para além dos controles, que agora são encarados como limites indesejáveis. Nada é demasiado, se o excesso se faz 'norma'. O excesso deixa de ser encarado como esbanjamento ou transbordamento, e sim, como algo que acena para ganhos e prazeres ilimitados e constantes, como se isso fosse possível. Em si, não poder desfrutar dos múltiplos deleites oferecidos passa a ser percebido como frustrante, atuando como algo muito sedutor, ainda que impossível de ser atingido em sua totalidade.

Como dizem os Titãs – não as entidades da mitologia grega, mas, sim, o grupo de rock nacional - trata-se de tentar usufruir ‘tudo ao mesmo tempo agora’. O excesso se constitui em um padrão da vida contemporânea, numa existência de exposição frenética à abertura e à experimentação em busca de prazeres, para além de cuidados e limitações. Daí as dificuldades postas por perguntas que careciam de sentido há algumas décadas atrás: em que circunstâncias o excesso fica por demais excessivo e o desperdício passa a ser considerado perda? (Bauman, 2003).

Por outro lado, há elementos na vida moderna que aumentam a sensação de que o presente vivido se tornou algo muito pesado e, portanto, difícil para se carregar. A sensação é a de que nossa capacidade de gerenciá-lo encolheu. Viver o cotidiano pode ser uma experiência desgastante, atordoante e exaustiva, inclusive porque há um exagerado aumento de escolhas possíveis nas muitas atividades que cada um deve, em geral, cumprir ao longo de um dia – basta pensar em algo bastante comum e simples no mundo computadorizado em que vivem os que dispõem de acesso à grande rede: navegar na Internet de modo contido, sem deixar-se levar de modo abusivo pelas páginas que se oferecem quase obscenamente para serem acessadas constitui-se em grande desafio. Agora, para os que não desfrutem de condições de vida aceitáveis, a luta literal pela sobrevivência digna, pode adquirir feições muito duras e, por vezes, indignas.

Também, em função das mudanças rápidas e intensas - haja vista a revolução de costumes em uma década, propiciada, por exemplo, pelos telefones celulares - e, levando em conta o mencionado anteriormente, em termos de sobrecarga de informações cotidianas, outra questão crucial se apresenta: as decisões se tornam mais complexas e difíceis. Por exemplo, podemos escolher, inadvertidamente, meios de transporte e trajetos de trânsito que nos levem a demoras desagradáveis e extenuantes. Em suma, convive-se com a sensação de que há muitas fontes geradoras de impaciência que afetam a todos, jovens ou não.

A idéia de uma cultura do excesso, onde há uma racionalidade hipermoderna, onde ‘tudo’ se torna ‘hiper’ (hipermercado, hiperpotência, hiperterrorismo, hipertexto, etc.), foi abordada também, por outros autores (Charles e Lipovetsky, 2004) que tentam argumentar que esta seria uma cultura esquizofrênica, ao tentar combinar excesso e limitação em que convivem sentimentos de ultrapassagem dos limites, com as perdas das referências tradicionais, sejam boas ou ruins. Ao mesmo tempo, ocorre um movimento de

moderação que valoriza princípios e regras voltados, por exemplo, para a manutenção de saúde através de práticas de prevenção e de promoção de saúde.

Outra dimensão desse estado de coisas é a epidemia de doenças originárias da manipulação de desejos, ou seja, problemas de saúde provocados pela estimulação e pelas posteriores tentativas de conter os impulsos e superar as novidades anteriores que saíram de moda. Exemplos: o transtorno de dependência ao uso de mensagens por celular – já considerada uma patologia adictiva que afeta especialmente a jovens que utilizam esta modalidade de uso da telefonia móvel ou, então aqueles que se tornam ludopatas – ‘viciados’ em vídeo-jogos.

Da mesma forma, percebe-se o afã da indústria culinária em difundir o consumo de alimentos tanto ‘fastfood’ como produzidos por cozinhas gastronomicamente sofisticadas, e simultaneamente o aumento da produção e divulgação de alimentos dietéticos e ‘light’. Elevam-se os gastos em tratamentos e clínicas de emagrecimentos e controle de colesterol diante da incidência de obesidade em idades cada vez mais precoces (Bauman, 2003).

Ou seja, há uma perspectiva ‘hipertudo’ técnica e científica que atua cada vez mais baseada em critérios de avaliação de eficácia de instrumentos e operações, e da lucratividade dos objetos técnicos que se tornam mercadorias consumíveis. Ainda que corramos o risco de sermos esquemáticos, não parece absurdo mencionar a existência de aspectos e processos que se instabilizam em função do apagamento e das discordâncias quanto aos papéis e limites de cada um de nós e que podem, por exemplo, atuar como fatores participantes na produção de vários tipos manifestações de saúde: dependências, depressão, bulimias, anorexias, fobias, violência.

Giddens (2002) formulou uma interessante hipótese para pensar traços geradores de compulsões nos modos de vida próprios às sociedades do capitalismo avançado (mas também com repercussões nas nações ocidentais economicamente menos privilegiadas). O sociólogo inglês analisa o papel repetitivo dos costumes, rituais e cerimoniais (em geral, de cunho religioso) nas sociedades ditas tradicionais ou fundamentalistas para a constituição de identidades culturais estáveis dos seus membros. Nas sociedades cosmopolitas ocidentais, há um significativo recuo no papel das tradições (e enfraquecimento de rituais coletivos). Predominam formas consideradas mais autônomas,

dinâmicas e individualistas de construir identidades plásticas diante da abertura das opções de vida.

Ora, neste modelo instável de identidade, ‘escolher’ estilos de vida dentro do ‘menu’ sociocultural dominante se constitui um convite arrebatador. Atua como ‘ponto de fixação’ na montanha russa da busca de auto-ordenação ainda que vertiginosa e fluida.

Um dos efeitos desta configuração localizar-se-ia no que Giddens (2002) chama ‘autonomia congelada’: geração de múltiplos e incessantes rituais individuais que podem se manifestar como dependências. Há uma epidemia de excessos: estados obsessivo-compulsivos ligados, como vimos, a variados tipos de dependência e de adicções, dificuldades em estabelecer limites e aderir a regras. Se nas sociedades tradicionais o passado estrutura o presente através de crenças e rituais compartilhados, nas sociedades ocidentais modernas, que tem a adicção como paradigma, está-se prisioneiro de um presente/futuro que não cessa de se reconfigurar numa espécie de espiral, onde prevalece a obrigação de usufruir da liberdade de escolher frágeis fórmulas de sustentação de identidades, constituídas via ‘estilos de vida’ individuais. E, também pela possibilidade de modificação constante de aparências, corpos, residências, veículos – como mostram vários ‘transformation shows’ que assistimos nos meios de comunicação de massa. Estes programas servem como modelos que mostram que, caso não seja possível a substituição dos objetos ou corpos, é possível fazer ‘upgrades’, reformas, metamorfoses. Por exemplo, é na obsessão com a repaginação e marcação de corpos via alterações somáticas, - seja por exercícios físicos, intervenções plásticas, uso de substâncias (embelezantes, rejuvenescedoras, emagrecedoras etc), piercings, tatuagens

etc - que se tenta, de alguma forma, estabilizar as narrativas fugazes de identidade, conforme o poder de compra de cada um.

4 Ambivalências do risco e riscos da ambivalência - Aventura e Prevenção

Na atualidade, a relação do ser humano com o seu futuro em termos de destino ainda pode utilizar pontos de vista místicos/religiosos, tradicionais ou não. Mas a noção científica de risco vai se tornando uma perspectiva cada vez mais vigorosa. Configura a

importância de posturas e práticas calculistas que visam o controle das diversas situações de vida em termos de custos e benefícios.

O risco se constitui numa forma presente de descrever o futuro, sob o pressuposto de que se decide qual o futuro desejável e qual a ação neste sentido. O conceito de risco estabelece que só se pode administrar o futuro de modo racional, ou seja, através da consideração cuidadosa da probabilidade de ganhos e perdas, conforme as decisões tomadas.

Este modo de pensar o futuro traz uma grande preocupação com o adiamento da morte e, em decorrência, com a evitação dos sinais de envelhecimento – algo que o mundo ocidental persegue na atualidade - um paradoxo cruel em uma época onde grupos populacionais atingem altos índices de longevidade. E, para isto, no dito senso comum, a fuga dos riscos (riscos negativos) se tornou sinônimo de estilo de vida sadio (Førde, 1998), ‘cheio’ de prudência e administração ponderada dos comportamentos arriscados no dia a dia, quando estes não puderem ser sumariamente evitados.

Ao mesmo tempo, há incentivos a assumir e correr riscos, sob o ponto de vista da ‘aventura’. É necessário hoje em dia atualizar o popular ditado ‘quem não arrisca, não petisca’, por exemplo, ao decidir investimentos financeiros, na procura de aventuras sexuais, no consumo de esportes radicais. A ‘busca da adrenalina’ surge como uma sensação desejada ao transformar várias atividades de lazer e trabalho em escolhas possíveis para a vida atual. É preciso manter o corpo em forma e a vida em aberto em suas múltiplas ofertas de prazer. Obviamente estas propostas se dirigem àqueles que podem atuar como agentes de consumo. Nesta perspectiva, o adolescente sofre pressões vigorosas para consumir, constituindo-se em um alvo altamente visado no âmbito da publicidade e das ofertas no mercado.

Além disto, outro aspecto desta moeda seria a eleição do adolescente como um modelo de referência para orientar modos de consumo de outras faixas etárias e grupos sociais. Assim, ao mesmo tempo, adultos e crianças são compelidos a mirar-se no modelo adolescente em busca de referências. Ainda que sujeito a distorção, este espelho serve como padrão para orientar o desfrute dos prazeres oferecidos nos múltiplos cardápios existentes.

Como visto, a dimensão ‘negativa’ do risco está diretamente ligada à ótica da prevenção em saúde sob os auspícios do conhecimento epidemiológico. Inegavelmente,

as estimativas de risco produzidas pelos epidemiologistas ultrapassam aspectos próprios à construção do conhecimento científico pelas pesquisas e respectivas interpretações dos achados destas pesquisas. Além disto, é importante considerar também aspectos morais, políticos e culturais. Em especial, cabe destacar a interface com a mídia e a 'indústria da ansiedade' (Førde, 1998). Múltiplos riscos recebem atenção de programas de TV, de matérias de periódicos leigos e a conseqüente oferta de bens, produtos, serviços direcionados ao suposto controle/minimização dos mesmos.

Cabe, aqui, lembrar que as discussões sobre risco se estendem para além das abordagens estritamente científicas. A noção 'risco' aparece em muitas e distintas formas - envolve aspectos: econômicos (desemprego, miséria), ambientais (diversos tipos de poluição), relativos a condutas pessoais (maneiras 'indevidas' de relacionar-se com a comida, bebida, exercícios físicos), dimensões interpessoais (formas de estabelecer/manter relações amorosas/sexuais), 'criminais' (eventos vinculados à violência urbana) (Lupton, 1999). Todos estes 'riscos' 'fermentam', misturam-se e transbordam para o ambiente sociocultural, tornando-se signos/símbolos. Em síntese, a 'experiência' de risco participa, como mencionamos, da configuração das identidades e da formação de subjetividades.

É inegável que as definições técnico-científicas proporcionadas pela epidemiologia procuram estipular precisamente o que é risco. Ora, definições deste tipo demandam fórmulas matemáticas, dados, relações quantitativas e outros cuidados para o emprego rigoroso do 'risco' em contingências bem especificadas (Thompson & Dean, 1996). O termo risco, apesar dos esforços formalizadores, não é estável de modo a permitir tão-somente definições científicas 'estipulativas'. Este tópico merece ser detalhado. A questão aqui se refere a enfoques que ultrapassam a dimensão realista técnico-científica (em termos epidemiológicos) do construto em foco.

Há pertinentes estudos em ciências sociais sobre o risco em nosso meio. Um deles foi elaborado por Spink (2001) ao estudar correspondentes produções da mídia leiga sobre o tópico do risco sob a faceta da aventura como emblema da modernidade tardia. É interessante notar o próprio aspecto da linguagem como se aborda o conceito de risco. Considere-se, por exemplo, o fato de não ser costumeiro o emprego das designações 'grande/pequeno', 'forte/fraco' ou, mesmo, 'muito/pouco' para indicar as características do risco, conforme sua quantificação (Castiel, 1996).

Na verdade, os adjetivos utilizados nestas circunstâncias estão vinculados à idéia de verticalidade: 'alto/baixo risco'. Estes se baseiam na analogia (comum a outros conceitos científicos): 'mais é em cima; menos é embaixo', baseado na representação visual dos aspectos quantitativos em questão, sob o ponto de vista de um 'empilhamento' (como aparece em determinados gráficos).

Mais relevante ainda é a constituição do conceito de risco como uma entidade 'virtual', no sentido de que não existe de fato, mas que pode se materializar, dependendo de certas condições para isto. Esta possibilidade traz uma dimensão curiosamente 'concreta': o risco passa a ter substância para nós. Basta pensarmos nas áreas consideradas de alta criminalidade em nossas cidades, em certos horários, para, praticamente, termos a impressão do risco pairando no ar. Ora, ao trazer-se substância ao risco, este pode ser objetivado, e, assim, explicado em termos de possíveis causas que, por sua vez, conforme as circunstâncias, podem ser decompostas em fatores de risco. Esta operação estatística permitiria respectivas quantificações e tentativas de estabelecimento de relações de causa e efeito para que seja possível intervir.

Em outras palavras, o indivíduo, ao se expor a supostos fatores, situações, ou adotando comportamentos de risco faz com que esta 'entidade abstrata' possa se 'materializar' em nossas mentes sob sua forma nociva - que pode ser denominada infortúnio, dano, acidente, doença, imprevidência, etc . Só que, neste caso, os riscos 'existiriam' como potenciais 'invasores de corpos'. Os riscos podem adquirir visibilidade (e, portanto, concretude) nos resultados de exames de imagem (ressonância magnética, tomografias), testes laboratoriais indicativos dos efeitos da exposição a fatores de risco. Por exemplo, presença/ausência de lesões pré-cancerosas de mama ou taxas elevadas do colesterol ou, ainda, mais modernamente, nas testagens gênicas para câncer de mama. No caso dos jovens, surgem exames de imagem cerebral e, também escalas de comportamento 'inadequado' em idades cada vez mais precoces que veiculam intentos de prevenção de atitudes violentas e criminosas posteriores.

Uma tarefa trabalhosa e complexa de pais e educadores é justamente administrar a noção de risco nas muitas atividades às quais se engajam os jovens no seu dia a dia, sobretudo nas práticas de lazer. Sempre pode se instalar um 'clima' de prevenção aparentemente excessiva ao se explicitar repetitivamente a 'presença' de riscos no cotidiano. Inegavelmente, este contexto reduz o 'legítimo direito de ir e vir' às fontes de

diversão juvenil. Algo percebido pelos jovens como limitante e desagradável e fonte de atritos constantes com a família.

O que é desconcertante, como dissemos anteriormente, é justamente a dimensão de objeto virtual do risco. Ou seja, algo que ao mesmo tempo 'existe' e 'não existe', ao se presentificar em termos de sua latência. Ou seja, ao se tratar tão somente de probabilidades futuras, baseadas em experiências e impressões anteriores, estas podem não se realizar – o que, por sorte, costuma ser bem mais freqüente. Mas, também, infelizmente, podem se fazer presentes dependendo de uma mistura de fatores nem sempre claros e previsíveis, em casos muitas vezes chocantes em sua crueldade. Inegavelmente, este quadro reflete uma atmosfera de medo e ameaça constante - uma mistura, em parcelas indefiníveis, de imaginação e de realidade.

Por mais incômodo e utópico que possa parecer, é preciso enfrentar discursos ingênuos – na melhor das hipóteses, e moralistas e conservadores – em uma leitura pouco benevolente. Esta é uma forma de assumir as dificuldades do panorama que rodeia a todos. Somente assim pode-se criar uma outra atmosfera para além do espírito conformista que parece prevalecer nos nossos tempos. Até no sentido de superá-lo em busca de algo que os jovens são mestres em apontar em sua maneira crítica e sadiamente inconformista. Com eles como aliados, podemos estar todos atentos para enfrentar propostas empobrecedoras do espírito humano que chegam até nós sem pedir licença, sem pudor.



REFERÊNCIAS

- Aborto gravidez na adolescência. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/noticias/gd270904a.htm> Acesso em 17 dez 2005.
- Alves-Filho, M. Tese revela uso indiscriminado de produtos para modelagem corporal. Jornal da Unicamp. 6-12 de dezembro de 2004 Disponível em:
http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/dezembro2004/ju275pag4a.html Acesso em 17 dez 2005
- Bauman, Z. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.
- Bauman, Z. *Globalização. As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999.
- Castiel, LD Moléculas, Moléstias, Metáforas. O senso dos humores. São Paulo: I-Editora, 1996.
- Charles S. & Lipovetsky, G. *Les Temps Hypermodernes*. Paris: Ed. Grasset, 2004
- Førde, OH. "Is imposing risk awareness cultural imperialism?". *Social Science and Medicine*. 47(9):1155-1159.
- Giddens, A. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- Giddens, A. *Mundo em descontrolé*. São Paulo: Ed. Record, 2002.
- Lupton, D., *Risk. Key Ideas*. New York: Routledge, 1999
- Montemayor, R - Boys as fathers: coping with the dilemmas of adolescence. In: Lamb, Michael E. e Elster, Arthur. (eds.). *Adolescent fatherhood*. Hillsdale. New Jersey: Lawrence Erlbaum associates. p. 1-18, 1986
- Spink, MJ 2001. 'Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia'. *Cadernos de Saúde Pública* 17(6) p. 1277-1311, 2001.
- Thompson, PB., Dean, W. 1996. 'Competing Conceptions of Risk'. Disponível em:
<http://www.fplc.edu/risk/profRisk.htm> Acesso em 17dez 2005.

Artigo recebido em 29 de setembro de 2007.

Artigo aceito em 30 de novembro de 2007.

